



**EIS QUE VOS DIGO: ESSAS SÃO AS NOVAS LÍDERES ECLESIAÍSTICAS,
MULHERES PASTORAS QUE FUNDAM AS SUAS IGREJAS POR MEIO DO
CHAMADO DE DEUS**

Submetido em: 01/09/2019

Aprovado em: 13/10/2019

Graziela Rodrigues da Silva Chantal¹

RESUMO

Nos últimos anos um fenômeno religioso vem promovendo mudanças no meio evangélico. Trata-se das mulheres como protagonista em uma hierarquia de liderança evangélica. Esse artigo aborda sobre igrejas fundadas por mulheres, que rompem com a liderança masculina em suas igrejas anteriores e fundam seus espaços em ambientes domésticos, após ouvirem os que elas denominam de chamado de Deus. Em suas igrejas elas encontram em sua própria liderança uma maneira de não se submeterem a imposição da liderança pastoral masculina e de exercerem em suas igrejas um novo fazer na religião. Para isso vamos abordar sobre o conceito de gênero e religião.

Palavras-Chaves: Gênero. Religião. Mulheres.

ABSTRACT

In recent years a religious phenomenon has been promoting changes in the evangelical community. Women as protagonists in the evangelical leadership hierarchy. This article discusses churches founded by women, who separated from their former churches under male

¹ Mestre em Ciências da Religião e Psicóloga pela PUC Minas. Vinculada ao grupo de pesquisa Religião e Cultura: Religião e Contemporaneidade. Bolsista CAPES. Orientanda do professor Dr. Flávio Senra. coachgraziela.chantal@gmail.com

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesíásticas, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

leadership to found their own churches at home. They claim this rupture was a call of god. In their churches they find in their own leadership a way not to submit to the imposition of male pastoral leadership and to exercise a new way of practicing religion. This article will approach this process using concepts of gender and religion.

Keywords: Gender. Religion. Women.

INTRODUÇÃO

Gênero, pluralismo religioso, migração e globalização, são hoje temas importantes de discussão no contexto das Ciências da Religião. No âmbito das pesquisas que têm sido realizadas acerca das relações de gênero, verifica-se que a mulher vivência na religião novas possibilidades, entre elas, a de liderança eclesíástica. Nota-se que esse tema ganha cada vez mais espaço de pesquisa e investigação, o que podemos confirmar, por exemplo, através das pesquisas de Anete Roese, Janine Targino da Silva, Sandra Duarte de Souza, Rosane Aparecida de Souza Guglielmoni, entre outras. Essas pesquisas mostram o que Sônia Maluf (2011) afirma, que o que se verifica é que a mulher busca um protagonismo subjetivo ao que tange as relações de poder dentro do atual modelo patriarcal eclesíástico.

As mudanças religiosas que ocorreram no decorrer do século XX são completamente diferentes das que caracterizam a vivência religiosa hoje. Essa vivência passa por transformações relacionadas com o campo político, social, econômico e também religioso.

Para Maria José Rosado Nunes (2007), o século XX sofreu mudanças significativas no campo religioso. Uma dessas mudanças está relacionada com as ideias feministas e com as conquistas de novos espaços dentro da espiritualidade. Esses acontecimentos abriram os caminhos para que as mulheres passassem pouco a pouco a resistir ao poder disciplinador da religião tradicional.

Nesse novo fenômeno religioso, nota-se o protagonismo de mulheres pastoras. Observa-se que estas, ao romperem com a igreja e seus rituais para liderarem suas próprias igrejas, rompem também com a cultura patriarcal imposta, que entende que somente o homem tem o chamado para ser um líder eclesíástico. Podemos dizer que algumas mulheres têm esse empoderamento, ou seja, elas consolidam novas possibilidades interpretativas de vivenciar uma liderança. Sendo assim, elas ganham seu espaço, sua igreja e seus membros, com o discurso de que recebem um “chamado de Deus” (GUGLIELMONI, 2015), ou seja, uma ordenança divina.

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesíásticas, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

A liderança do pastorado feminino como um fenômeno religioso atual, possui dificuldade no que diz respeito a se posicionarem em uma hierarquia eclesíastica. Isso é fruto de uma longa história marcada por uma cultura e um discurso androcêntrico. No entanto, a partir do chamado de Deus, essas mulheres fundam as suas igrejas, já que contra uma ordem de supremacia divina não há quem impeça.

1 GÊNERO E RELIGIÃO

No âmbito da religião, assim como em todos da sociedade, no meio acadêmico, nas relações de trabalho, na política, na economia, enfim, gênero é um pano de fundo nas relações. Refere-se às construções que a sociedade faz, e que determinam o papel que se atribui a mulheres e homens numa cultura específica.

As mulheres, mesmo diante dos pré-conceitos e das tentativas de proibições de algumas igrejas, a respeito da ordenação do sacerdócio, como é caso das igrejas Batistas que fazem parte da Convenção Batista².

A perspectiva que usamos para abordar a questão de gênero é de Joan Scott (1989), segundo a autora gênero refere-se à organização social da relação entre os sexos.

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual” (SCOTT, 1990, p. 72).

Joan Scott (1989) propõe o gênero como uma categoria de análise, na busca pela compreensão das relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres. Segundo Miriam Grossi, gênero é “uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual” (GROSSI, 2014, p. 5). Portanto, o gênero é mutável, pois é social, cultural e historicamente construído.

De acordo com estudos feitos pela antropóloga Margareth Mead (1967), a respeito de três sociedades primitivas nas quais buscou analisar e comparar como essas sociedades desenvolveram atitudes em relação ao temperamento baseando-se nas diferenças sexuais, notou que havia diferentes formas de organização social.

² Convenção Batista Brasileira (CBB): órgão máximo da denominação Batista no Brasil, existindo desde 1907, com sede atual no Rio de Janeiro (CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 1999, p. 1)

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

Na primeira sociedade, homens e mulheres foram educados para serem carinhosos, pacíficos, compreensivos, falantes, possuindo comportamentos similares ao que nossa sociedade vigente considera como sendo próprios do sexo feminino.

Na segunda sociedade, homens e mulheres foram educados para serem agressivos, violentos, sem muito falar, similares ao que nossa sociedade vigente considera como sendo próprio do sexo masculino.

E na terceira sociedade, as mulheres são educadas para o poder e o comando, enquanto os homens são educados para a lavoura, o artesanato, o cuidado das crianças, afazeres domésticos, realizando padrões opostos aos que nossa sociedade considera naturais e universais dos homens. Esclarece Margareth Mead que:

Todas as discussões sobre o estado das mulheres, sobre o caráter, os temperamentos das mulheres, sobre a submissão e a emancipação das mulheres, fazem perder de vista o fato fundamental, isto é, que os papéis dos dois sexos são concebidos segundo a trama cultural que se acha nas bases das relações humanas e que o menino, à medida que se vai desenvolvendo, é modelado tão inexoravelmente quanto à menina, segundo um cânone particular e bem definido (MEAD, 1967, p. 22).

Nesse estudo, podemos verificar que apesar da relação hierárquica entre homens e mulheres, quase que na maioria das vezes nos mostram que quem fica no comando são os homens.

A primeira contestação feita pelas mulheres foi quanto ao conceito do que seria feminino e masculino. O consenso ideológico começou a ser quebrado, pois havia um discurso masculino que afirmava o que seria uma mulher normal, destacando o seu agir, lugar, imagem e identidade social. Resultou desse quadro montado artificialmente, a exclusão de muitas mulheres que não se encaixavam nesse estereótipo organizado, ficando a margem daquela sociedade, no campo da invisibilidade social.

Questionando então, normas sociais pré-estabelecidas, entrando em espaços proibidos e chegando a produzir um discurso contrário ao modelo masculino vigente, as mulheres confrontaram as visões de mundo, valores e culturas diferenciadas. Trouxeram para o cenário público de certezas dominadoras e excludentes, a incerteza, quando questionaram o chamado *único certo*. Destacou-se a pluralidade, no momento em que só se declarava a unanimidade, assim como o direito de escolhas, onde se exigia a necessária conformidade das pessoas em questão.

De acordo com Mead (1997), em tempos passados, a vida das mulheres, principalmente das classes pobres, morando no campo ou na cidade, existia apenas no seio da

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

família. Toda a informação que as mulheres recebiam, era dentro do espaço de sua casa. Realizava as tarefas diárias destinadas às mulheres e interagiu com o comércio externo apenas quando fiava ou produzia algo que pudesse ser vendido nas feiras. Para Alexandra Kollontai (1982), nas atuais relações entre homens e mulheres temos que:

Hoje se busca novas relações entre o homem e a mulher, que seja uma união de afeto, companheirismo, independentes e trabalhadores. Sem a escravidão doméstica da mulher ou de quem quer que seja com a possibilidade não apenas do marido a manter, mas também seus braços, que trabalham (KOLLONTAI, 1982, p. 51).

No cristianismo, a igreja que oprime também é espaço de salvação, afinal as mulheres não são apenas oprimidas, submissas, vítimas na sociedade e nas igrejas. A mobilidade delas, a autonomia delas, está sempre em jogo. Elas simulam, subvertem, criam novas formas de desobediência aos dogmas e estruturas opressoras.

Em uma linha similar de compreensão, segundo Linda Woodhead (2002), as mulheres precisam assumir um novo papel de gênero, abolir o gênero tradicional carregado de pré-conceitos e paradigmas arraigados no próprio discurso feminino. Para isso, faz-se necessário um novo conceito de gênero, em que o feminino é visto não em condição de vulnerabilidade, mas em condição de autonomia para assumir lideranças e para não aceitar imposições de opiniões cunhadas no berço do pré-concebido, ou seja, na cultura patriarcal androcêntrica.

1.1 Conceito de religião

Podemos dizer que não há uma definição precisa do que seja religião, há inúmeras definições. Por isso, ao falar de religião, é importante destacar a perspectiva e metodologia.

Segundo Frank Usarski (2007), o século XX sofreu mudanças significativas no campo religioso. Uma dessas mudanças está relacionada com as ideias feministas e com as conquistas de novos espaços dentro da religião o que fez com que a mulher passasse a resistir ao poder disciplinador da religião tradicional.

Para Sônia Maluf (2011), a questão metodológica implicada é que

“a religião deixa de ser uma substância transcendente e acima das práticas particulares, e passa a ser um qualificativo de diferentes tipos de agenciamentos, tanto centrais, como também periféricos, marginais, subterrâneos” (MALUF, 2011, p. 13).

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

A religião torna-se meio para que as mulheres busquem e adaptem às suas necessidades da vida cotidiana e religiosa. Consideramos que as mulheres circulam, protagonizam e agenciam práticas e experiências fora dos padrões dominantes. Neste sentido, as mulheres estão criando e recriando a religião, sobretudo no contexto evangélico.

As novas práticas religiosas, segundo Sônia Maluf (2011), não podem mais ser compreendidas unicamente pela abordagem das grandes tradições. Sônia Maluf (2011, p. 8) destaca que novas práticas religiosas devem considerar a “abordagem institucional dessas práticas e de uma redução do religioso ao institucional.” Isso quer dizer, tomando em conta prioritariamente as doutrinas e rituais convencionais.

Linda Woodhead (2011) afirma que religião é um conceito ora demasiadamente cristão, ora demasiado secular, ressalta que no campo teológico, é um conceito moderno, influenciado pelas pressuposições seculares, que não tomam adequadamente as questões inerentes à vida de fé.

Segundo Francesca Celentani (2014), o cristianismo patriarcal e sua maneira de ser, suas formas de conduta e seus símbolos são retomados da cultura inicial no processo de colonização. Em conexão com essas ideias e a partir das concepções de Rita Laura Segato, Celentani (2014), reafirma que as instituições de massa, como as igrejas, por exemplo, necessitam romper com a tradição colonial, através de novos recursos de autonomia.

Em uma linha similar de compreensão, segundo Linda Woodhead (2002), as mulheres precisam assumir um novo papel de gênero, abolir o gênero tradicional carregado de pré-conceitos e paradigmas arraigados no próprio discurso feminino. Para isso, faz-se necessário um novo conceito de gênero, em que o feminino é visto não em condição de vulnerabilidade, mas em condição de autonomia para assumir lideranças e para não aceitar imposições de opiniões cunhadas no berço do pré-concebido, ou seja, na cultura patriarcal androcêntrica.

Segundo Anete Roese (2015), é importante romper com as práticas opressoras das religiões dominantes, pois esta é uma maneira de romper com a colonialidade de gênero. O que ela constata é que a modernidade e a contemporaneidade vivenciadas por nós, ainda abarcam conceitos não superados no âmbito da colonialidade vivida na América Latina.

Apresentaremos no tópico seguinte o percurso histórico das mulheres como pastoras.

2 A HISTÓRIA DAS MULHERES NA RELIGIÃO

A presença feminina é mais marcante em termos de crescimento nos evangélicos pentecostais. No Censo Demográfico Religioso do IBGE realizado no Brasil em 2010,

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

verifica-se que 56% dos membros de igrejas evangélicas, são compostos por mulheres pentecostais. Para Patrícia Birman (1996), ao abranger as camadas mais populares da sociedade, as igrejas pentecostais possuem espaços que tratam de assuntos relacionados ao cotidiano das pessoas, suas angústias e aflições.

No Brasil, a visão do pastorado feminino começa a movimentar-se com diversas instituições religiosas, dentre as quais destacamos as Igrejas Metodista, Luterana, Cristo Vive, Renascer em Cristo, Sara a Nossa Terra, Aliança com Deus, Nacional do Senhor Jesus Cristo, Cruzada Evangélica Missionária, chegando mais tarde até as tradicionais, como as Igrejas Batistas. Segundo a autora Ivone Gebara (2000), é necessário escutar as mulheres e ver as suas experiências para depois definirmos o que é religião para elas. Logo, a resposta é complexa, tal como é a nossa existência. Gebara (2000) acredita que religião para as mulheres significa, simultaneamente, opressão e salvação.

Para Maria Goreth Santos (2002), ainda que as mulheres sejam a maioria no segmento evangélico, ainda há igrejas que não aceitam o pastorado feminino. Salvo as Igrejas protestantes históricas (Metodistas, Luteranas e Anglicana), que mesmo fundadas por homens, com o passar do tempo, o pastorado feminino era mais presente. As esposas dos missionários exerciam um papel fundamental nos trabalhos evangelísticos, principalmente voltado para a educação.

Para Elizabeth Fiorenza (1992), a liderança pastoral das igrejas pentecostais configura-se na presença do pastor homem, sendo que esse é considerado o exemplo no que tange a arte de evangelizar, com domínio de uma boa oratória, os líderes dos púlpitos. Uma composição hierárquica marcada por homens com boa formação. Às mulheres restava somente as atividades que se assemelham as atividades domésticas, ou seja, o cuidado com o templo, ou na área de educar por meio do ensino religioso nas escolas bíblicas dominicais.

No entanto, as histórias das Igrejas evangélicas mostram Igrejas sendo fundadas e lideradas por mulheres. O que sugere que apesar do patriarcalismo, as mulheres resistiam a seres coadjuvantes nas religiões. No século XIX, a Igreja Exército da Salvação, fundada em 1865, em Londres na Inglaterra, por Catherine Booth, uma pregadora já reconhecida, legitimou a primeira igreja a ter uma liderança efetivamente feminina.

No ano de 1859, Catherine escreveu uma carta de trinta e duas páginas para responder a um ministro independente congregacional sobre a opinião dele contra a pregação das mulheres. Em um trecho citado por Duncan Alexander Reily (1993), como sendo parte da resposta de Catherine Booth temos

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

É apenas uma questão de tempo à igreja permitir que as mulheres falem nas assembleias. O bom senso, a opinião pública e os resultados abençoados do concurso feminino forçá-lo-ão a interpretar honesta e imparcialmente o único texto em que fundamenta as suas proibições. Então, quando a verdadeira luz brilhar e as obras de Deus substituírem as tradições dos homens, o doutor em teologia que ensina que Paulo manda que a mulher fique quieta quando o Espírito de Deus a incita a falar, será encarado como seria encarado um astrônomo que ensinasse que o sol é o satélite da terra. (REILY, 1993, p.385).

A Igreja do Evangelho Quadrangular³ foi fundada em Oakland, Califórnia nos Estados Unidos da América em 1922 por Aimée Semple McPherson. Aimée era nascida em uma família Metodista, casou-se com um pregador, ficou viúva e casou-se novamente, mas se separou para ser pregadora. Atravessou os EUA de carro com uma tenda, que ao ser montada, sempre ficava lotada de pessoas nas reuniões de cura divina.

No Brasil, as igrejas históricas e pentecostais é que abriram espaço para a pregação feminina, sendo que o Exército da Salvação, fundado no Brasil por David Miche e Stella Dilis le Miche, teve Stella como a primeira ministra desta Igreja, em 1922 no Rio de Janeiro. No que se refere à Igreja do Evangelho Quadrangular, que além possuir um discurso mais voltado às massas populares da sociedade, é também aberta ao ministério feminino. Já em 1958, sete ministras formam ordenadas pastoras, como ensina Reily (1993).

Segundo Clara Mafra (1996) ainda não há uma estatística que aponte o número de pastoras, mas o crescimento desse público só é possível devido à herança do princípio do *sacerdócio universal*, além da expansão do pentecostalismo Brasil. No entanto, em algumas igrejas evangélicas, o lugar das mulheres nas hierarquias mais altas é escasso.

Para José Nunes dos Santos Júnior (2011) em seu artigo intitulado *Pentecostalismo: uma alternativa a liderança de mulheres ao ministério pastoral*, afirma que nas Igrejas evangélicas da segunda onda⁴, há uma maior flexibilidade ao pastorado feminino, do que nas igrejas históricas.

[...] a figura do pastor aparece como alguém que domina a Palavra e que por isso está apto a ser um líder. É ele quem detém os ditames da conduta e do comportamento da sua igreja. Quase sempre possui o domínio na interpretação da Bíblia. Pode repreender e mesmo excluir algum membro por alguma falta que fira os princípios religiosos da denominação. Já o pastor das igrejas pentecostais e neopentecostais estão mais próximos do fiel. Falando a mesma língua deste, o pastor não é visto como um líder muito distante.

³ O nome Igreja do Evangelho Quadrangular refere-se aos quatro principais benefícios da morte de Cristo na cruz: salvação, batismo com o Espírito Santo, cura divina e volta de Cristo (Leite Fº, 1994; Freston, 1996).

⁴ Para Paul Freston (1996) o pentecostalismo no Brasil é dividido em três ondas. A primeira onda surge em 1910, marcada pelo batismo do Espírito Santo e na oração dos fiéis através de línguas estranhas. Nas décadas de 50 e 60, surge a segunda onda, em que o foco é a cura e a terceira onda, já na década de 70, com maior força na década de 80, momento de mudanças no país, como por exemplo, o êxodo rural, aumento da tecnologia.

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesíásticas, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

Quase sempre este pastor veio da mesma condição do fiel a que ele lidera. O que o faz diferente é que ele recebeu um chamado de Deus para tornar-se um pastor, e nesse caso qualquer um pode estar apto a assumir essa função. Assim, apenas com pequenas mudanças na valoração de alguns cargos, todas as igrejas seguem o mesmo organograma. (JUNIOR, 2011, p.9).

Ivone Gebara (2000) aborda a dificuldade para as mulheres no meio eclesial lidarem com as hierarquias masculinas, rompendo essa cultura com uma voz que ecoa e passa a exercer um novo jeito de viver a fé que professa.

Os homens responsáveis pelo sagrado poder e sagrado saber [...] não podem suportar uma intrusa em seu domínio: ela os ameaça como Prometeu ameaçou os deuses. E é em nome de seu bem e em nome de Deus que eles interceptam seu caminhar. Segundo a interpretação deles, interceptam na realidade “a errância de sua alma” por demais preocupada com o saber, interceptam seu desejo de transgredir as leis da natureza feminina, para entrar no universo masculino. Sem acesso à sua meta desejada, ela aceita a única solução possível: obedecer, calar-se e deixar-se morrer (GEBARA, 2000, p. 66).

Até mesmo no que tange à nomenclatura de se referir às lideranças femininas, nota-se entraves, pois as nomenclaturas utilizadas foram criadas na versão masculina, como por exemplo, bispo, que na versão feminina é episcopisa. Sobre isso, Junior (2011) afirma:

A terminologia pastora, presbítera e mesmo bispa começaram a fazer parte do discurso das igrejas há bem pouco tempo e muitas vezes são duvidosas quanto à legitimidade do termo. Já as terminologias diácono, missionário e evangelista, ao contrário têm os seus opostos no feminino. São os primeiros cargos permitidos às mulheres, e não estão no topo da hierarquia evangélica, ao contrário, estão subordinados ao líder máximo e aqueles que os exercem não precisam de um conhecimento teológico reconhecido institucionalmente. (JUNIOR, 2011, p. 9).

O pastorado feminino é marcado por uma constante busca de lugar na hierarquia eclesial, pois os pastores predominantemente ocuparam esse lugar, superiores às mulheres, o que demonstra a característica patriarcal. Ao fundarem as suas igrejas, as pastoras conferem uma nova identidade, pois assumem a liderança e saem do lugar apenas que lhes era conferido, que é a maternidade, a cuidadora, a que limpa a Igreja.

Pode-se dizer que a constituição destas novas igrejas pentecostais comandada por mulheres altera significativamente a identidade feminina no âmbito pentecostal. A transformação de mulheres submissas em líderes absolutas rompe com o estereótipo sustentado por um amplo conjunto de igrejas evangélicas, nas quais as mulheres não podem ir além do comando de escolas bíblicas e círculo de oração. Reunindo, portanto, um considerável séquito em torno do carisma que possuem, estas mulheres que em sua maioria são autoproclamadas bispas e pastoras revelam

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

que mesmo sem justificação bíblica evidente para o pastorado feminino, é possível a reconfiguração da identidade feminina pentecostal do ponto de vista do exercício do pastorado. (JUNIOR, 2011, p. 14).

A religião como instituição social, pode até tentar submeter às mulheres à dominação conservadora imposta pelo patriarcalismo masculino. Mas feministas também buscaram seu empoderamento dentro dos espaços religiosos e não aceitaram a submissão direcionada a elas. “Mulheres são excluídas da ordem sagrada sempre que não estão sob controle patriarcal”. FIORENZA (1992, p. 85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que constatamos que em suas igrejas, as mulheres pastoras, ao fundarem as suas igrejas. As pastoras líderes, que antes estavam debaixo da autoridade de um pastor homem, constroem para si uma liderança religiosa e assumem a organização e o funcionamento das suas próprias igrejas.

A conquista das mulheres como líderes religiosas, possibilita para elas o alcance de um lugar que não abrange somente a vida doméstica, mas chegam a despertar os interesses de outras mulheres, em outros âmbitos da sociedade.

Ao receberem o “chamado de Deus” para exercerem o pastorado, essas mulheres que não obtiveram espaço nas igrejas que pertenciam, buscam viabilizá-lo. Ao assumirem a fundação e a liderança das suas próprias igrejas, essas pastoras mantêm o domínio.

Na organização, no novo modo de fazer religião. É possível que as mulheres pastoras exerçam uma liderança de maneira partilhada com os demais, isto é, de uma maneira bem diferente da dominação que caracteriza o modelo patriarcal.

Nesse novo cenário religioso, em que as mulheres se apropriam, criam e reinventam espaços dentro da religião, elas alcançam e desempenham um novo papel no âmbito da fé religiosa com a perspectiva de romper com estruturas históricas demarcadas pela cultura patriarcal e, especialmente, com as estruturas criadas por nossa cultura ocidental cristã.

As mulheres são colocadas à margem desde as antigas e rígidas interpretações dos textos bíblicos, pois esses são marcados pelo viés do androcentrismo cultural e religioso. Mas, observamos também, que é através do próprio discurso acerca do divino que as mulheres rompem com as fronteiras culturais. E para que seja possível romper efetivamente com as estruturas arraigadas do patriarcalismo.

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

Esse novo fazer religião, a partir do novo posicionamento das mulheres como pastoras líderes, trás um novo discurso, a história bíblica ganha um novo viés. Há um novo sentido a partir de muitas vozes.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Patrícia. Mediação Feminina e Identidades Pentecostais, *Cadernos Pagú*, Campinas, UNICAMP nº 6-7, 1996.

BORGES, Ângela Cristina. Para mulheres marginais, epistemologias marginais: religião, interculturalidade e descolonização. *Revista Mandrágora*, v.24. n. 2, 2018, p. 201-214.

BRASIL Instituto de Estatística e Geografia do Brasil - IBGE. **Censo das religiões 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo>>. Acesso em 07 auto. 2018.

CELENTANI, Francesca Gargallo. **Religiones, dominación y colonialidad en la construcción de los sistemas de género**. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra américa. Ciudad de México. Corte y Confección, 1º Ed. 2012-2014.

CENSO 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. **IBGE**. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=oticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

FIORINZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUGLIELMONI, Rosane Aparecida de Souza. **Religião e gênero: Igrejas evangélicas fundadas por mulheres na região industrial de Contagem, Minas Gerais, 2015**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião- PUC Minas. Belo Horizonte, 2015.

IBGE. **Censo demográfico 2015**. Obtido em http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?lang=_PT&codmun=315670&search=minas-gerais|sabara|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria. Acesso em 05 de agosto de 2018.

KOLLONTAI, Alexandra. **A família e o estado socialista**. São Paulo: Global, 1982.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista estudos feministas*. Florianópolis, v.22, n.3, setembro- dezembro/2014.

MAFRA. C. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus

MALUF, Sônia Weidner. Além do tempo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. Revista **Antropologia em primeira mão**, Florianópolis, UFSC, v.124, 2011, p. 5-14.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**, Milão: Il Saggiatore, 1967.

NUNES Maria José Rosado. A sociologia da religião. In USARSKI, Frank (Org.). et al. **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 109-116.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013.

REILY, D.A. **Ministérios femininos em perspectiva histórica**. São Paulo: Editeo, 1997.

ROESE, Anete. Religião e feminismo descolonial: Os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. **Horizonte Revista de Estudos em Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1534-1558, 2015.

JUNIOR, José Nunes dos Santos. Pentecostalismo: uma alternativa a liderança de mulheres ao ministério pastoral. Trabalho apresentado na XVI Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina. GT: **Cristianismo e Educação: Experiência, diálogo e desafios**. 01à 04 de novembro de 2011, Punta del Este (Uruguay).

SANTOS, Maria Goreth. **A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/4022607/maria-goreth-santos>> Acesso em 05 jan. 2019.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Debat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: <<https://www.edisciplinas.usp.br>>. Acesso em 20 mai. 2018

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Revista Educação e Realidade, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990. Disponível em: <www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html> Acesso em 10 mai 2018.

SILVA, Janine Targino. **Lideranças pentecostais femininas: um estudo sobre a fundação de igrejas pentecostais por mulheres em Nova Iguaçu – Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Sandra Duarte; SANTOS, Naira Pinheiro dos Santos. **Estudos Feministas e religião: tendências e debates**. In SOUZA, Sandra Duarte; SANTOS, Naira Pinheiro dos Santos. 1ed. – Curitiba: Primas, 2015, p. 7 e 15.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, n 1, pp. 1-11, 2002.